

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal da Tarde*

Class.: _____

Data: *11.08.89*

Pg.: _____

AMBIENTE

Índios predadores. (É o que dizem lá perto do belo rio do Mel.)

Moradores e ecologistas da cidade gaúcha de Irai acusam os índios caingangues de poluir o rio do Mel, que banha o município. A Funai, no entanto, fala em discriminação racial contra esses pobres indígenas.



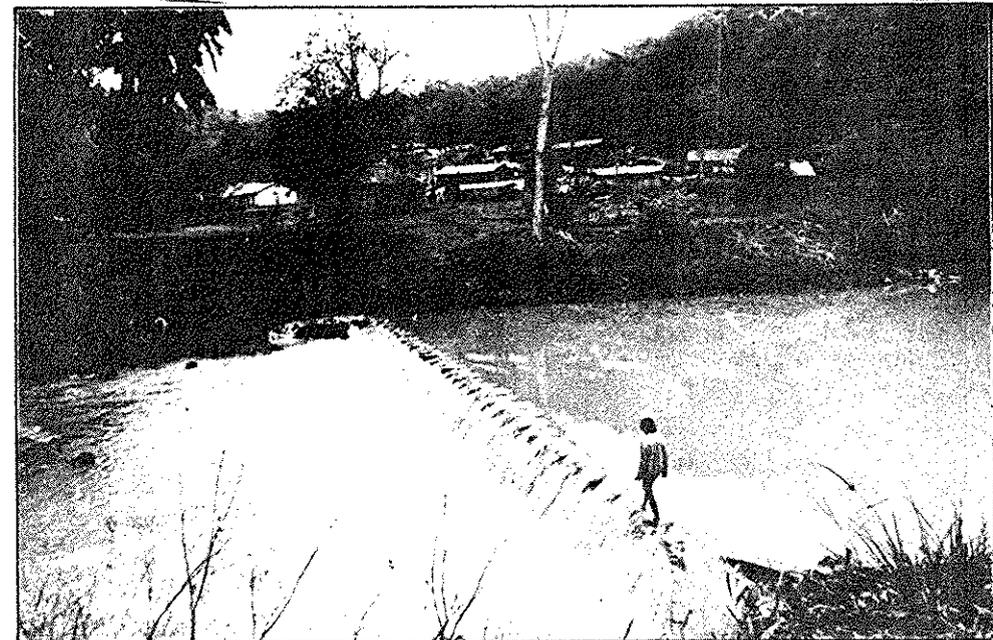
Os índios e a natureza sempre foram aliados contra o inimigo comum, o branco colonizador. Essa ancestral aliança, no entanto, parece ter sido quebrada — e invertida — pela primeira vez em Irai, uma estância hidromineral a 479 quilômetros de Porto Alegre (RS). Lá, numa inesperada troca de papéis, os brancos acusam 263 caingangues — herdeiros do grupo étnico coroados — de poluir com lixo, fezes e urina o rio do Mel, que banha a cidade. Tornando esta ironia mais aguda, o grupo caingangue — palavra que significa “homem do mato” — seria autor de desmatamentos ... Fora isto, a contaminação do rio comprometeria, a longo prazo, a pureza de uma fonte de água mineral localizada a 100 metros da aldeia. A fonte, de propalada eficácia contra reumatismo e dermatoses, atrai divisas para Irai.

A polêmica acabou na Justiça, e o primeiro round foi favorável à Sociedade dos Amigos da Flora e Fauna local: o juiz federal Nilson Paim de Abreu, de Passo Fundo, concedeu liminar barrando o ingresso de mais índios na aldeia, que fica às margens do rio do Mel. Paim ainda avisou que “o dever de preservar o meio ambiente é de brancos, negros e amarelos”. Marco Mattos, advogado dos ecologistas, acha que os índios devem voltar à sua reserva de origem, em Nonoai, a 50 quilômetros de Irai. Mattos e seu colega Dorvalino Ues, que moveram uma ação civil pública na qual colocaram como réus a prefeitura, o Estado, a União e a Fundação Nacional do Índio (Funai), apresentam vários argumentos contra a presença dos caingangues no chamado “Bosque Sagrado” — uma área de 250 hectares parcialmente preservada junto ao rio.

Miscigenação

O primeiro argumento é que os indígenas seriam intrusos; morando “de favor” no lugar desde a década de 50. “A prefeitura, na época, condeu-se da sua miséria, pois dormiam nas ruas”, diz Mattos. Outro: o grupo seria muito miscigenado. “Eles são, na verdade, itálicos, negríndios, isto é, mesclados com outras raças, sem preservar sua cultura original”, comenta o advogado. Um terceiro argumento é que as 76 famílias da aldeia, distribuídas por 40 casas de madeira e barracas, não possuem “sequer uma latrina”. Como as casas situam-se numa encosta, a chuva empurra fezes e também todo o lixo para o rio.

“É o caso típico do hóspede que quer ficar de dono”, afirma o também advogado Fiorindo Grassi, da prefeitura de Irai. Ele explica que o Estado doou as terras para o município em 1933, e que a ameaça de desalojamento que paira hoje sobre os índios já ocorreu com os brancos. “Na década de 20, cerca de 120 casas e cinco hotéis tiveram que ser afastados das proximidades do balneário, porque seus esgotos poderiam comprometer a qualidade da fonte. Agora é a vez dos caingangues”, diz o advogado. Para Grassi, que pertence à Associação de Proteção do Rio do Mel (Apromel), o grupo de índios põe em risco a existência da mata, embora só ocupe dois hectares. “Eles consomem muita lenha, que retiram da floresta”, conta.



A aldeia dos caingangues e o rio do Mel: caso na Justiça.

Discriminação

Mas a Funai também bate forte. “É um simples caso de discriminação racial”, dispara o chefe do posto de Irai, João Ferreira Júnior. “Se muita gente daqui pudesse botava o índio numa jaula, apenas para exibir aos turistas. Como não têm este controle, querem expulsá-los”, continua Ferreira. E ele pergunta: “Por que não se fala dos agrotóxicos que os agricultores brancos usam?” Segundo o chefe de Funai, nessa versão da fábula do lobo e do cordeiro o índio levaria a culpa, mas o responsável pela agressão às águas viria dos 60 quilômetros que o rio percorre cercado de lavouras pulverizadas com pesticidas antes de, no final do seu curso, passar pela cidade. “A comunidade caingangue só utiliza 100 metros de margem para lavar roupa e tomar banho”, diz Ferreira —, admitindo porém, que a população indígena contribui “minimamente” para a contaminação do rio.

“Quando a Funai tomar conta da área, vai construir sanitários. Por enquanto, não pode”, explica Francisco dos Santos, administrador regional do órgão. Ele assegura que “não há hipótese” de os caingangues — nove mil indivíduos espalhados por nove reservas e 2.810 hectares no Estado — serem forçados a abandonar Irai. “Em 1985, uma equipe de antropólogos provou que os guaranis inicialmente, e os caingangues depois, perambulavam pela região, que foi desmembrada indevidamente da reserva de Nonoai”, diz o chefe do posto da Funai, Ferreira, acrescentando que “eles usavam a fonte para tratar seus males, e até o nome da cidade procede do guarani, significando Águas do Mel”. Diante das acusações de que os índios desmatam, Ferreira reage com indignação: “Eles convivem em harmonia com o mato, pegando alguma lenha para cozinhar sua comida e se aquecer. Não fazem como os brancos, que já derrubaram 15% do bosque para vender madeira”.

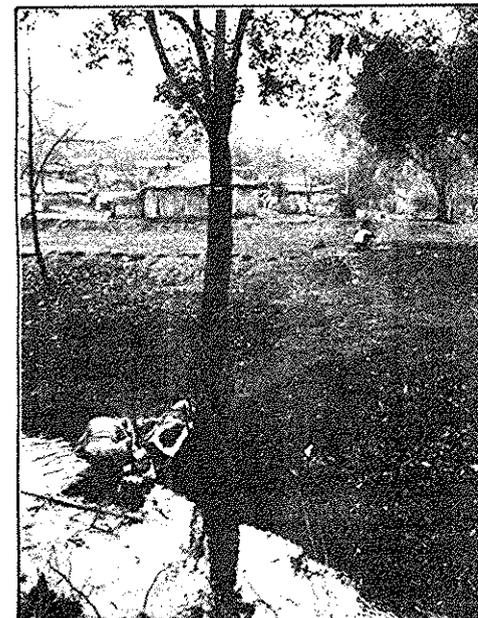
Miséria

Os caingangues, que conservam seu idioma, vivem da venda de artesanato e de

uma agricultura de subsistência que praticam em Nonai. Sujos, mal vestidos, pobres e, freqüentemente, bêbados, eles não convivem bem com os descendentes de italianos, alemães e poloneses — a maioria entre os 13 mil habitantes de Irai. “Na rua, nossas crianças ouvem coisas como ‘vão embora daqui’”, denuncia Roberto Perokag, 25 anos. Ele exerce o cargo de “capitão” (posto abaixo do cacique) na aldeia e nasceu e se criou no acampamento. Ferreira Júnior traça um quadro de apartheid: “A cidade não gosta de ver brancos junto com índios. Pega mal”.

O próximo passo da polêmica será ouvir a Secretaria de Saúde e Meio Ambiente do Estado sobre o perigo que os caingangues representariam para o rio, a fonte e a mata.

Ayrton Centeno



Os índios, que estariam poluindo o rio com lixo, fezes e urina, correm o risco de serem expulsos da reserva.

Fotos: Carlos Rodrigues/AF